VERBOS SINTAGMÁTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REDE CONSTRUCIONAL, CONVERGÊNCIA DIASSISTÊMICA E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE INGLÊS

Joedson dos Santos Azevedo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB/CAPES), Bahia, Brasil
ORCID: orcid.org/0009-0002-9484-2526
Endereço eletrônico: joedsonazevedo@hotmail.com

Palavras-chave: construções verbo-partícula; português brasileiro; gramática de construções diassistêmica; língua em uso; ensino de inglês.

INTRODUÇÃO

Em um cenário de intensas transformações sociais, culturais, tecnológicas e educacionais, torna-se necessário observar como a língua em uso se reorganiza nas práticas dos falantes, inclusive pela estabilização de padrões construcionais que passam a integrar o repertório de uma comunidade. Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída sobre construções verbo-partícula (CVP) no Português Brasileiro (PB), analisadas em perspectiva construcional e diassistêmica, com atenção às suas implicações para o ensino de inglês como língua adicional.

O objeto da investigação são construções do tipo [V + Part], aqui tratadas como verbos sintagmáticos do PB, isto é, pareamentos forma–sentido em que um verbo se associa a uma partícula simples ou complexa, formando unidades com diferentes graus de transparência, fixação formal, especialização semântica e idiomaticidade. Exemplos como *jogar fora, voltar atrás, ir contra* e *deixar para trás* indicam que o PB dispõe de um inventário relevante dessas construções, embora a tradição gramatical não as reconheça como uma classe específica. Objetiva-se, neste recorte, caracterizar essas construções como uma rede de pareamentos forma–sentido, discutir suas zonas de convergência com o inglês e apontar contribuições da Gramática de Construções Diassistêmica para o ensino de *multi-word verbs*.

A discussão justifica-se por contribuir para a descrição de um fenômeno ainda pouco sistematizado no PB e por permitir repensar o ensino de *multi-word verbs* em inglês,

frequentemente apresentados a aprendizes brasileiros como estruturas exclusivamente inglesas e difíceis de aprender. Teoricamente, a pesquisa fundamenta-se na Gramática de Construções Baseada no Uso, que compreende a língua como uma rede de construções, ou seja, pareamentos convencionais entre forma e sentido, sensíveis ao uso, à frequência, à analogia e ao entrincheiramento (Goldberg, 2006; Bybee, 2010; Diessel, 2019). Além disso, mobiliza-se a Gramática de Construções Diassistêmica, segundo a qual o repertório linguístico do falante multilíngue pode ser compreendido como uma rede integrada, na qual construções específicas de diferentes línguas se relacionam por convergências parciais, contrastes e zonas de choque construcional (Höder, 2018; Freitas Junior *et al*., 2022).

METODOLOGIA

A pesquisa adotou abordagem mista, articulando levantamento lexicográfico, filtragem qualitativa de construções candidatas e análise de corpus. Inicialmente, foi constituído um banco de combinações verbo + partícula a partir de dicionários de regência, descrições lexicográficas e estudos anteriores sobre *multi-word verbs* do inglês, *verbi sintagmatici* do italiano (Simone, 1996), verbos sintagmáticos do espanhol e construções correlatas no PB. Esse conjunto foi submetido a critérios de inclusão e exclusão, considerando mudança semântica, grau de convencionalização, opacidade, separabilidade, produtividade e relevância contrastiva.

Em seguida, as construções selecionadas foram pesquisadas no *Corpus* Brasileiro, na plataforma *Sketch Engine*, com inspeção manual das ocorrências, a fim de distinguir a simples recorrência formal de sequências [V + Part] de seu funcionamento enquanto construção verbo-partícula. Em análise contextual, observou-se a frequência, a recorrência e o contexto de realização são fundamentais para compreender a emergência e a estabilização das construções na rede linguística dos falantes (BYBEE, 2010; DIESSEL, 2019). Na análise qualitativa, as construções foram organizadas em subesquemas formais, como [V + Prep], [V + Adv], [V + Prep + Adv], [V + Adv + Prep], focalizando-se a relação entre forma e sentido, os graus de composicionalidade, os usos literais e idiomáticos, a variação sintática e as zonas de convergência com construções do inglês.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados indicam que as CVP do PB constituem uma rede construcional organizada por subesquemas formais e famílias semânticas, e não um conjunto marginal de expressões idiomáticas isoladas. Essa interpretação se alinha à concepção construcionista de que a gramática se estrutura por relações de herança, esquematicidade e produtividade entre construções mais abstratas e microconstruções específicas (GOLDBERG, 2006; DIESSEL, 2019). No subesquema [V + Prep], construções como *dar com*, *ir contra* e *responder por* evidenciam diferentes graus de integração entre verbo e preposição, variando de usos mais próximos da regência a pareamentos semanticamente especializados, como encontro, oposição, responsabilização ou compatibilidade interpessoal. No subesquema [V + Adv], formas como *jogar fora*, *vir abaixo* e *voltar atrás* mostram a passagem de valores espaciais para sentidos resultativos, aspectuais e idiomáticos, como descarte, colapso, reversão e arrependimento.

As construções complexas confirmam que o fenômeno não se restringe a combinações binárias. Na família [V + para trás], *deixar para trás* e *olhar para trás* compartilham a mesma partícula complexa, mas se especializam em domínios distintos: abandono/superação, no primeiro caso, e retrospecção/avaliação do passado, no segundo. Na família [V + atrás de], *andar atrás de*, *correr atrás de* e *ir atrás de* partem do domínio de seguimento ou perseguição espacial e desenvolvem valores abstratos ligados à busca, ao empenho e, em certos contextos, à adesão avaliativa. Esses dados reforçam que o sentido da construção não decorre do verbo ou da partícula isolada, mas do pareamento completo entre ambos, em articulação com o contexto de uso.

A análise também evidencia a necessidade de distinguir frequência, entrincheiramento (ou *chunk*) e lexicalização idiomática. A frequência de ocorrência pode indicar maior consolidação de um padrão na rede linguística, mas não equivale automaticamente a maior idiomaticidade. O grau de especialização de uma construção deve ser avaliado em conjunto com fatores como perda de composicionalidade, estabilidade do pareamento forma–sentido e afastamento em relação ao valor espacial ou relacional básico da partícula. Essa distinção é compatível com a compreensão de que mudanças construcionais e processos de construcionalização envolvem reorganizações graduais na rede, com diferentes impactos

sobre forma e sentido (Bybee, 2010; Traugott; Trousdale, 2013).

Do ponto de vista diassistêmico, os dados permitem reconhecer zonas de convergência parcial entre PB e inglês. Pares como *ir contra/go against*, olhar para *trás/look back* e *correr atrás de/run after* mostram que diferentes línguas podem apresentar soluções construcionais funcionalmente próximas para domínios como oposição, retrospecção, busca e perseguição. Essa proximidade, porém, não implica equivalência plena, pois cada construção preserva restrições formais, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias (Höder, 2018; Freitas Junior *et al*., 2022). Em termos pedagógicos, isso permite compreender a L1 como recurso de ancoragem no ensino desde que a comparação seja conduzida de modo reflexivo. Casos como *contar com/count on* mostram convergência funcional com divergência formal, podendo gerar produções como *count with*. Já relações como *deixar para lá/give up* indicam aproximação semântica sem paralelismo formal direto. Assim, observa-se que abordagens construcionistas são coerentes com a BNCC, ao valorizar a identificação de semelhanças e diferenças entre a língua inglesa, a língua materna e outras línguas (BRASIL, 2018), deslocando o ensino da memorização de listas para o reconhecimento de padrões, famílias construcionais e zonas de convergência ou choque entre línguas.

CONCLUSÕES

Os resultados permitem concluir que o Português Brasileiro dispõe de um inventário relevante de CVP, organizado em rede e distribuído por diferentes graus de transparência, produtividade, especialização semântica e idiomaticidade. Essas construções evidenciam processos de reorganização da língua em uso, nos quais elementos originalmente espaciais, direcionais ou relacionais passam a integrar pareamentos forma–sentido mais coesos, resultativos ou idiomáticos. Em diálogo com o CT 11, o estudo mostra que a "nova ordem" na/da língua pode ser compreendida também como reorganização construcional, uma vez que os falantes estabilizam padrões, expandem usos, especializam sentidos e reconfiguram redes gramaticais em suas práticas sociais e discursivas.

Do ponto de vista pedagógico, a abordagem diassistêmica oferece contribuição significativa para o ensino de línguas adicionais. Ao reconhecer a L1 como recurso fundamental, essa perspectiva permite trabalhar *multi-word verbs* por meio de comparação reflexiva, identificação de pontes construcionais e antecipação de choques entre as línguas.

Assim, o ensino pode deslocar-se da memorização de itens para a compreensão de padrões em rede, favorecendo uma aprendizagem mais significativa, crítica e linguisticamente situada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DIESSEL, Holger. **The grammar network:** how linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FREITAS JUNIOR, Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; SILVEIRA, Vitor Luiz Vieira da. A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 606-634, 2022.

GOLDBERG, Adele E. **Constructions at work:** the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HÖDER, Steffen. Grammar is community-specific: background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. In: BOAS, Hans C.; HÖDER, Steffen (ed.). **Constructions in contact:** constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 37-70.

SIMONE, Raffaele. Esistono verbi sintagmatici in italiano? **Cuadernos de Filología Italiana**, Madrid, n. 3, p. 47-61, 1996.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.